

OS PILARES DA MODERNA MASCULINIDADE: HISTÓRIA E IMPACTO NA ESFERA EDUCACIONAL

Ana Paula Tatagiba

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – atatagibab@gmail.com

Resumo: Pesquisa realizada com homens e mulheres que atuam como Agentes Educadores de Creche (AACs) nas instituições de Educação Infantil mantidas pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, nos anos de 2012 e 2013, ofereceu o pano de fundo para que o estudo sobre as masculinidades fosse desenvolvido. Com o aporte da historiografia, tendo como referência as experiências desenvolvidas no Ocidente, o presente trabalho destaca as contribuições de Sócrates Nolasco, Pedro Paulo Oliveira e George Mosse para problematizar alguns pilares da masculinidade, conformadores do sistema heteronormativo, que se consolidam a partir do século XVIII, baseadas, entre outros aspectos, na complementaridade do papel estipulado às mulheres e aos homens e na afirmação da virilidade masculina. É importante observar o quanto, ainda nos dias que correm, esse “modelo” repercute no cotidiano das instituições educacionais.

Palavras-chave: História, gênero, masculinidade, educação.

1. Introdução

*Nunca vi rastro de cobra
Nem couro de lobisomem
Se correr o bicho pega
Se ficar o bicho come
Porque eu sou é home
Porque eu sou é home
Menino eu sou é home
Menino eu sou é home
E como sou!...*

*Quando eu estava prá nascer
De vez em quando eu ouvia
Eu ouvia a mãe dizer:
"Ai meu Deus como eu queria
Que essa cabra fosse home
Cabra macho prá danar"
Ah! Mamãe aqui estou eu
Mamãe aqui estou eu
Sou homem com H
E como sou!...*

*Eu sou homem com H
E com H sou muito home
Se você quer duvidar
Olhe bem pelo meu nome
Já tô quase namorando
Namorando prá casar...*

(83) 3322.3222

contato@enlacandosexualidades.com.br

www.enlacandosexualidades.com.br

Ah! Maria diz que eu sou
Maria diz que eu sou
Sou homem com H
E como sou!... (Antonio Barros)

A música *Homem com H* tornou-se sucesso ao ser gravada pelo cantor Ney Matogrosso, em 1981. A composição evidencia o quanto o fato de um ser humano portar um pênis ao nascer traz, em si mesmo, a premência de amoldamento em direção a certo estilo de masculinidade – até então tido como “o modelo”, embora não seja o único –, e que tende a ser o mais valorizado.

Buscando inspiração na canção, pode-se afirmar que, no âmbito internacional, o contemporâneo interesse pelo *masculino* remonta aos anos 1960, no bojo da segunda onda feminista e da emergência do movimento homossexual. Nesse cenário, nos Estados Unidos e Inglaterra, os *men's studies* já vinham “há algum tempo inspirando novos trabalhos” (Heilbron & Carrara, 1998).

Em solo europeu, o homem - já em posição desconfortável de “coisa observada”, agora ele também, alvo do “escrutínio alheio” - chega aos anos 1980 observando o questionamento da sua unidade viril: “A classe, a idade, a raça ou a preferência sexual tornam-se fatores de diferenciação masculina” (Badinter, 1993, p. 5), podendo-se falar *à la inglesa* de “masculinidades”.

Nos anos finais do século XX, no Brasil, ocorreram vários eventos que comprovam o prosseguimento dessa tendência, podendo-se citar: o I Simpósio do Homem – São Paulo/1985; o I Seminário sobre Identidade Masculina - Rio de Janeiro/1992; o IV Simpósio de Psicologia Analítica da Associação Junguiana do Brasil, cujo tema foi “O masculino em questão” - Rio de Janeiro/1996 e; o I Encontro Paranaense de Estudos de Gênero: Mulheres, Homens e Relações de Gênero no III Milênio – Curitiba/1998.

Diferentes autores buscam identificar os porquês do tema *masculinidade* ser pautado por pesquisadores brasileiros, principalmente, a partir da década de 1980.

Sócrates Nolasco ressalta que, desde os anos 1970, e mais enfaticamente a partir dos anos 90, grupos de homens começaram a ser organizados na América do Sul (exceto no Brasil), Canadá e EUA, para discutir “O que é ser homem” e como o sê-lo na contemporaneidade, buscando articular a concepção de masculinidade com o envolvimento masculino com a violência, a paternidade e o reconhecimento no trabalho, entre outras temáticas (Nolasco, 1995, p. 16, 18, 22).

Tomando o sexo biológico como “ponto de referência [...] das múltiplas organizações subjetivas” – embora reconheça que este não seja “um destino” (Nolasco, 1995, p. 17) -, Sócrates

Nolasco analisa que as expressões “homem-feminino” e “mulher-masculina” evidenciam que homens e mulheres associam determinados comportamentos seus a padrões característicos “do outro sexo”, buscando legitimá-los. No entanto, assim agindo, continuam presos aos estereótipos sexuais (Nolasco, 1995, p. 19).

A indeterminação sobre o que seria esse novo homem faz com que estes “operem categorias já determinadas” (Nolasco, 1995, p. 20), daí o “homem-feminino” servir, ainda que temporariamente, para identificar, por exemplo, os homens que se preocupam em cuidar dos filhos, já que esta ação compõe o rol de tarefas cuja responsabilidade costuma recair sobre as mulheres.

Ao examinar que a “determinação anatômica não se sustenta mais” (Nolasco, 1995, p. 25), Nolasco ressalta que tanto a organização quanto o desenvolvimento da subjetividade dos homens foram postas em xeque e o masculino enquanto “categoria universalizante e totalizadora, está sem sentido” na atualidade (Nolasco, 1995, p. 26-27).

Para Karen Giffin (2005) esse interesse “emergiu com força nos estudos de gênero no Brasil nos últimos anos”, vinculado aos estudos sobre sexualidade e saúde reprodutiva. E, ainda que já nos anos 1960, houvesse homens querendo participar das discussões, tal participação foi vetada, dada a luta das mulheres contra a dominação masculina (Giffin, 2005).

Maria Luiza Heilbron e Sérgio Carrara (1998) analisam que a temática ganhou relevância, a partir dos estudos de gênero e sexualidade. Foi assim que a emblemática ascensão do homem à condição de objeto de estudo conferiu visibilidade a um sujeito que, até os anos 1970, bastava-se como sinônimo de “humanidade”: falar do Homem/homem remetia a todo ser humano (Heilbron & Carrara, 1998, p. 373; Badinter, 1993, p. 5).

Esses autores avaliam que, para além das reivindicações feministas, os anos 1990 foram marcados pela realização de Conferências internacionais importantes - Conferência Mundial de Direitos Humanos (Viena, Áustria, 1993), Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento (Cairo, Egito, 1994), Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Social (Copenhague, Dinamarca, 1995) e IV Conferência Mundial sobre a Mulher (Beijing, China, 1995) - nas quais o envolvimento dos homens foi apontado como fundamental, tendo em vista a efetiva implementação das políticas sociais relacionadas à sexualidade e aos direitos humanos. Nestes eventos, os temas violência doméstica e disseminação da AIDS entre mulheres com parceiros fixos foram destacados (Heilbron & Carrara, 1998, p. 372).

A partir desse contexto, ressaltamos que, no campo das políticas públicas, com a realização de concurso público pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, em 2007, aos homens tornou-se

possível acessar a Educação Infantil, como profissionais responsáveis pelas atividades de cuidado e educação de crianças com idade entre 3 meses e 5 anos. Contudo, à medida que foram sendo lotados nas creches, estabeleceu-se um clima de desconforto, exigindo adaptações no cotidiano para que as famílias pudessem aceitar a presença desses “estranhos”, tais como: evitar que eles se responsabilizassem pelo banho das crianças; empreendendo-se esforços para que os homens não ficassem sozinhos com as turmas; deslocando-os para outras atividades, cujo contato direto com as crianças não fosse necessário.

Assim, a partir dessa problemática (cujo estudo aprofundado foi realizado durante o Doutorado em Serviço Social, realizado na PUC-Rio, no período de 2009 a 2013), buscou-se na historiografia elementos que possibilitam a compreensão das ideias predominantes sobre “o que é ser homem”, analisando-as à luz dos estudos de Gênero; localizando a importância desse “modelo” no âmbito do sistema heteronormativo.

2. Pilar um: o comportamento viril

O psicólogo Sócrates Nolasco é um dos pesquisadores cujos trabalhos sobre masculinidade tornaram-se referência tanto no Brasil, quanto nos demais países da América Latina, sendo considerado um dos pioneiros na tarefa de estudar essa temática.

O autor analisa que a tradição iluminista colaborou para o fortalecimento do modelo de masculinidade alicerçado sobre a virilidade - “A representação social dos homens é constituída a partir do sexo”-, agressividade, determinação, exercício da posse e do poder (Nolasco, 1995, p. 15-18).

Nessa mesma direção, George Mosse também assevera que o processo de estipulação da masculinidade – ou “a forma em que os homens confirmam o que pensam que é sua virilidade” (Mosse, 2000, p. 7) –, se deu durante a Modernidade, estando estreitamente ligado à nova sociedade burguesa que ganhara hegemonia no final do século XVIII embora já circulassem noções referentes à virilidade anteriormente (Mosse, 2000, p. 23). Assim, o fenótipo adquiriu crescente ênfase, de forma que o referido século marcou o surgimento de “un estereotipo masculino consistente” e amplo, incluindo-se entre os “atributos masculinos”, não só a personalidade, mas também a aparência, o porte e a conduta dos homens (Mosse, 2000, p. 25).

Conforme relata Mosse, o padrão da beleza masculina era determinado pelo aspecto estético, desde o século XVIII. Visando ao alcance desse patamar, a difusão da ginástica, a vinculação “corpo-alma” e “grandeza moral-prática de exercícios físicos/cuidados corporais” foram itens

importantes. Dessa forma, J. F. C. Guts Muth, autor de *Gymnastik für die Jugend* (Ginástica para os jovens), publicado em 1793, afirmara, nessa obra que “La belleza masculina era un símbolo de valor moral. La salud moral y la fortaleza mental, son [...] consecuencia de la fortaleza corporal” (Mosse, 2000, p. 51).

Conforme o autor, o estabelecimento do “valor masculino da modernidade” foi definido “sobre todo como caballerosidad, lo que significaba proteger al débil y decir la verdad, así como salvar a las víctimas del fuego o los accidentes” (Mosse, 2000, p. 52).

Mosse não se descuida e reflexiona sobre o “ser feminino” nos processos de instituição e consolidação das masculinidade que analisa:

(...) Para resumir los aspectos ya vistos, la construcción de la masculinidade moderna se definió a sí misma en parte por contraste com la mujer, que era una subordinada y sin embargo compañera esencial, con su muy diferente beleza y naturaliza fundamentalmente passiva. Las demandas que realizaba al hombre, además, iban destinadas a fortalecer la masculinidade de éste (MOSSE, 2000, p. 91).

Nesse sentido, certos parâmetros prestigiosos, do século XVIII até a contemporaneidade, não escaparam ao popular senso comum: o “cuerpo feminino ideal transmitía una belleza sensual, sexual, opuesta al cuerpo heroico del varón ideal” (Mosse, 2000, p. 66).

2. Pilar dois: a importância do casamento

Ainda no cenário nacional, outro pesquisador que se dedicou aos estudos sobre as masculinidades foi Pedro Paulo de Oliveira (2004), situando a emergência e consolidação de um padrão masculino idealizado, nos países ocidentais, a partir do final da Idade Média até a formação dos Estados-Nação e as instituições que lhes deram suporte, já na era Moderna.

A respeito do casamento, o que se entende é que é na relação com o outro – no caso, a mulher - que “o homem se faz homem”. Daí a importância da “palavra de Maria”, conforme a canção utilizada na epígrafe do presente trabalho sugere.

Como parte de um conjunto maior de construtos sociais, divulgados, inicialmente, pela aristocracia, a masculinidade tal qual valorizada até bem recentemente, conforme o próprio Bourdieu comentara (2010, p. 103), foi se estruturando em paralelo à valorização da família nuclear. Tal ideário foi, igualmente, influenciado por aspectos religiosos, jurídicos e epistemológicos, como observa Oliveira:

Ainda que pudesse também estimular e valorizar atributos guerreiros, no século XIX, a religião se incumbia, principalmente, de promover a moralidade tipicamente burguesa, enquanto o exército e os esportes cultivavam valores masculinos para a educação da virilidade. **Uma das instituições mais importantes e que serviu de modo fundamental para veicular esse tipo de moralidade foi o casamento**, visto como consequência natural na vida do cidadão comum e também como uma barreira contra os vícios e a degeneração (OLIVEIRA, 2004, p. 49, grifo nosso).

Instituição considerada, igualmente, um antídoto contra o pecado, contra a fornicação, o casamento promoveria, Lord Bacon foi um dos que bem resumiu as expectativas que se os homens tinham com essa instituição: “Esposas são donas de casa na juventude, companhias na meia idade, enfermeiras na velhice” (MacFarlane, 1990, p. 166).

3. Pilar três: a conformação generificada do espaço público e do privado

Pedro Paulo Oliveira analisa também que "A masculinidade destacou-se como um valor básico sobre o qual a sociedade burguesa construiu sua auto-imagem" (Oliveira, 2004, p. 78). Esse quadro ganhou contornos ainda mais firmes com a revolução burguesa de 1789; a partir da qual "mais do que nunca a mulher passou a ser vista como um complemento do homem" (Oliveira, 2004, p. 72), criada para servi-lo, havendo um verdadeiro culto à sua domesticidade.

Nesse processo de constituição da masculinidade que se buscou erigir como padrão, há todo um quadro de exigências e atividades que posicionam os homens em um espaço diferente daquele em que “descansam ao fim do dia”: ser guerreiro, envolver-se com atividades físicas para a modelagem do corpo, por exemplo, exigem a circulação em espaços variados, fora de sua casa.

Tal temática ainda é bastante atual. Atento à configuração do âmbito doméstico na conformação das expectativas sociais que se tem sobre “homens” e “mulheres”, Bonino comenta as expectativas elaboradas a partir da saída das mulheres para o mercado de trabalho, já no século XX, e sua inserção formal como “trabalhadora assalariada”. Assim, o autor menciona o fenômeno *puerta giratoria* - designação de “una hipótesis optimista que enunciaba que en la medida que las mujeres salieron a trabajar fuera del hogar, los varones, más aliviados en su rol tradicional de proveedores irían entrando el hogar” (Bonino, 2001, p. 27).

Transcorridas mais de cinco décadas dessa esperançosa avaliação prospectiva, Bonino delineia um quadro menos otimista: academicamente, “No existen demasiadas investigaciones sobre la participación de los varones en las tareas domésticas y el cuidado de l@s niñ@ y ancian@s”

(Bonino, 2001, p. 24) e; pesquisas feitas em seu país de origem, a Espanha, indicam que apenas três por cento dos homens partilham das atividades de manutenção diária da casa, e tão somente 40% considera justa tal divisão (Bonino, 2001, p. 24). Observa ainda o autor:

... los varones trabajan en casa cuando no tienen alternativa: cuando están solos, cuando la mujer/pareja está enferma o la mujer/madre de niños, jóvenes o ancianos que viven en casa, y cuando ella trabaja de noche y l@s niñ@s deben ser atendidos. Si la mujer se hace presente, él suele volver al estado de poca actividad previa a sua ausencia (BONINO, 2001, p. 25).

Considerações finais:

Os três pilares apresentados não esgotam as frentes de análise que a historiografia nos apresenta, possibilitam-nos o entendimento do grande estranhamento e repulsa que a presença masculina nas creches e pré-escolas impõe. Afinal, de um “varão” não se espera a dedicação e a afetividade que o lidar com o universo infantil requer. Da mesma forma, a este homem “heroico”, “destemido”, “empreendedor”, “ativo”, estão destinadas as atividades “na rua”, no âmbito público; já a Educação Infantil, impõe a necessidade da execução de tarefas consideradas “femininas”, já que alinhadas ao espaço privado – lócus de referência para a educação das crianças e reprodução da vida cotidiana; espaço, via de regra, destinado à atuação feminina.

Ainda que, no senso comum, essas ideias já tenham grande circulação, na prática, os homens que se dispuseram a atuar com AAC foram alvo das suspeitas e da desconfiança das famílias e de algumas profissionais. Entre as estratégias que possibilitaram sua manutenção no cargo – evidenciadas nas entrevistas realizadas com esses profissionais - pode-se citar a busca por uma articulação mínima com as mulheres com as quais compartilham o trabalho e as diretoras da creche que passaram a atuar como “fiadoras de sua permanência nesses espaços.

Referências:

BADINTER, E. **XY**: a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BONINO, L. Los varones hacia a paridad en lo doméstico: discursos sociales e prácticas masculinas. In: SÁNCHEZ-PALENCIA, C.; HIDALGO, J. C. (Eds.). **Masculino Plural**: construcciones de la masculinidad. Lleida, Universidad de Lleida, 2001. p. 23-46.

GIFFIN, K. A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**. v. 10. 2005. p. 47-57 Disponível em: <www.scielo.br/pdf/csc/v10n1/a05v10n1.pdf> Acesso em: 24 de abr. 2009.

HEILBORN, M. L. CARRARA, S. "**Em cena, os homens...**". *Revista Estudos Feministas*, IFCS/UF RJ, v. 6, n. 2, 1998. p. 370-374.

MOSSE, G. L. **La imagen del hombre: la creación de la moderna masculinidad**. Tradução de Rafael Heredero. Madrid: Talasa Ediciones, 2000. Título original: *The Image of Man*.

NOLASCO, S. A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero. In: NOLASCO, Sócrates (Org.). **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

OLIVEIRA, P. P. de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.